



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - ESPANHOL

O NOVO ENEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aline Freitas Jacinto

Orientador: Profº Alessandro Carvalho Bica

Bagé

Janeiro 2012

SUMÁRIO

Resumo.....	3
1.Introdução.....	4
2.Problema de pesquisa.....	6
3.Objetivos.....	6
4.Metodologia.....	7
5. Educação de Qualidade.....	8
5.1 Conceito de Qualidade da Educação.....	11
5.2 As dimensões da Qualidade da Educação.....	13
6. O Novo Enem e a Língua Portuguesa.....	16
7. Conclusão.....	22
8.Referências.....	24

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever a situação da qualidade de educação no município de Bagé, através da leitura dos apontamentos dos autores, Alonso, Dias, Cury, entre outros. Além disto, tem como propósito discutir sobre o novo Enem e o ensino da língua portuguesa na cidade de Bagé. Para tanto foram necessárias a realização de entrevistas, a primeira com uma professora de língua portuguesa que atua na rede pública e privada do ensino do município de Bagé, a segunda entrevista foi realizada com doze estudantes da rede pública estadual do município. Nas entrevistas foram abordados os seguintes temas: O Novo Enem e a qualidade na educação. A partir das respostas obtidas nestas entrevistas, foi possível transcorrer sobre a realidade do ensino de língua portuguesa no município de Bagé, bem como, como está sendo a preparação dos alunos para a realização de provas como o Novo Enem.

Palavras-chave: Qualidade da Educação, Novo Enem, Ensino da Língua Portuguesa.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo describir la situación de la calidad de educación en nuestro país a través de la lectura de los apuntamientos de los autores como Alonso, Dias, Cury y otros, además de discutir acerca de la prueba del nuevo Enem y la enseñanza de la lengua portuguesa en la ciudad de Bagé. Para eso fue necesario la realización de entrevista, no estructuradas, la primera con una profesora de lengua portuguesa de las redes pública y privada de enseñanza de la ciudad de Bagé, la segunda entrevista fue realizada con doce estudiantes de la red pública estadual, también de la ciudad de Bagé. Las dos presentaron preguntas con los temas El nuevo Enem y la Calidad de la Educación. A través de las contestaciones de las entrevistas fue posible conocer un poco de la realidad de la enseñanza de la lengua portuguesa en la ciudad de Bagé y la preparación de los alumnos para la realización de evaluaciones como la del Nuevo Enem.

Palabras-llave: Calidad de la Educación, Nuevo Enem, Enseñanza de la Lengua Portuguesa.

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema *A problemática no ensino da língua portuguesa na rede pública do município de Bagé para a realização do novo Enem.*

Temos como pressuposto teórico que este trabalho é de extrema importância para o conhecimento da realidade local do ensino da língua portuguesa no município de Bagé, visto que não encontramos nenhum trabalho acadêmico com esta temática em nossa região, logo, consideramos, que este trabalho, tem também como característica principal o seu ineditismo teórico, sendo assim, os estudos sobre a qualidade da educação no ensino de língua portuguesa no município de Bagé, podem revelar como o ensino da língua portuguesa influencia diretamente os alunos da rede pública na realização de provas como o Novo Enem.

Este estudo poderá vir a contribuir para futuros estudos de professores de língua portuguesa do município de Bagé, que tenham interesse em conhecer a realidade desse processo.

Para a realização deste estudo foram realizadas duas entrevistas, a primeira com uma professora de língua portuguesa da rede pública e privada do município de Bagé, com o objetivo de conhecer e comparar o processo de ensino aprendizagem em cada uma das escolas. A segunda entrevista foi realizada com 12 alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública do município, esta foi realizada com todos alunos juntos em uma mesma sala.

Estas entrevistas apresentaram as seguintes perguntas:

Para a professora

1. Quais são as diferenças entre as aulas de língua portuguesa ministradas em uma escola pública e em uma escola privada?
2. Quais são os objetivos centrais, na tua opinião, do processo de ensino/aprendizagem na rede pública e privada?
3. Na tua opinião, os alunos saem preparados do ensino médio para realizar o Enem?
4. Qual a tua opinião sobre a nova prova do Enem?

Para os alunos

1. Qual é a tua opinião sobre a qualidade na educação? O que seria necessário mudar?
2. Qual foi a contribuição que os estudos obtidos na escola (ensino médio) tiveram para a realização do ENEM?

Cabe dizer que não consta neste estudo entrevista com alunos de escola da rede privada do município de Bagé, pois não foi liberado por essas escolas tal atitude.

Os dados gerados e coletados serão analisados com base em estudos que abordam a qualidade da educação no Brasil (Cury, 2002) dentre outros referenciais teóricos que se fizeram pertinentes.

2. Problema de pesquisa

Qual a posição de alunos e professores sobre a qualidade de educação no município de Bagé e como isso interfere na realização da prova do Enem.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

O objetivo é conhecer a realidade do ensino de língua portuguesa nas escolas do município de Bagé e como ele influencia na realização da prova do novo Enem.

3.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos aqui mencionados são:

- ✓ analisar o contexto em que a língua portuguesa vem sendo ensinada em escolas públicas e privadas na cidade de Bagé;
- ✓ verificar as características divulgadas sobre o novo Enem especificamente sobre a prova de língua portuguesa;
- ✓ analisar e comparar o contexto em que a língua portuguesa é abordada no novo Enem e em escolas da rede pública e privada na cidade de Bagé.

4. Metodologia

Este estudo tem como metodologia a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica, sendo que seus instrumentos de coleta foram, a saber:

- Leitura de referencial teórico com autores que trabalham com a temática de qualidade de ensino e o ensino da língua portuguesa;
- 02 (duas) entrevistas, a primeira com uma professora de Língua Portuguesa, e a segunda com alunos de escolas de rede pública do município de Bagé.

Para essa pesquisa foram realizadas duas entrevistas, uma com 12 adolescentes estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública da cidade de Bagé, participantes da prova do Enem 2011. A outra entrevista foi realizada com uma professora de língua portuguesa que ministra aulas em todos os anos do ensino médio de uma escola da rede pública e uma escola da rede privada do município de Bagé. Cabe dizer que, os alunos, com os quais foi realizada a entrevista, são estudantes da mesma escola pública onde a professora leciona.

A primeira composta de duas perguntas abordando os temas: **qualidade da educação e o Novo Enem**, a segunda apresentou quatro questões sobre as diferenças entre o ensino das duas instituições, a qualidade da educação e a nova prova do Novo Enem. Alguns excertos destas entrevistas aparecerão no referencial teórico deste estudo.

Tais entrevistas foram realizadas pessoalmente com os entrevistados com objetivo de torná-la mais informal, os alunos que dela participaram foram voluntários e se mostraram bastante interessados nos temas abordados.

5. Educação de Qualidade

Antes de partir para o coração do trabalho, é importante tratar de temas centrais como a educação de qualidade, tema muito discutido nos dias de hoje e que até o momento nada foi concluído sobre ele.

De acordo com Alves (2007), quando se refere à qualidade da educação, é normal que se tenha dificuldade em entender a que precisamente a expressão se refere. Então, pode-se dizer que qualidade em educação nasce assim como um desses conceitos significativos, que mobilizam, são repletos de força emotiva e de valorização que se sustentam de forma ampla na sociedade atual.

É por isso que vários autores mostram a necessidade de debater e determinar os padrões de qualidade que a sociedade espera e deseja para que seja assegurado o direito à educação no Brasil.

Normalmente acrescenta-se que a definição de parâmetros para a dimensão qualitativa deve contemplar as diversas expectativas e demandas da sociedade com relação ao sistema de ensino. A educação de qualidade é uma nova concepção de direito à educação. Esta nova concepção ultrapassa o aspecto do acesso ao ensino e alcança os resultados que vêm deste, isso é, o tipo de conhecimentos, valores e habilidades que são aprendidas na escola.

Assim se afirma que a qualidade se relaciona com a formação de cada cidadão, para que estes desempenhem seu papel político, social e econômico da melhor forma. (Casassus, 1999, Cury 2002)

Alves (2007) nos diz que das questões mencionadas anteriormente são derivados outros pontos, que serão definidos com relação à política educacional, a saber:

- a. o nível de educação que terá prioridade;
- b. a estrutura curricular apropriada para o modelo de desenvolvimento adotado pelo país;
- c. a segurança de que existirão recursos mínimos para a execução da política educacional;
- d. o estabelecimento de bases de dados confiáveis para a obtenção de informações que favoreçam a tomada de decisões;
- e. a preparação de pessoal para a realização das atividades educacionais;
- f. a reorganização institucional da função do Estado em suas tarefas de orientação, supervisão e assistência do sistema escolar, para sustentar o processo de descentralização e coordenação da comunidade escolar.

Nos países europeus, a questão da qualidade do ensino estava na agenda de soluções importantes desde a década de 1940, momento em que pouco a pouco veio a se tornar um assunto central nos debates sobre a educação, mas foi a partir da década de 1980 que esse assunto voltou a ser central nos Estados Unidos. Os demais países da América Latina também aderiram a essa onda de reformas educacionais, mas somente a partir do final da década de 1980. (Oliveira e Araujo 2005; Casassus 1999)

No que se refere ao Brasil, o direito do cidadão a ter acesso à educação de qualidade é uma realidade bem recente, e que ainda procura se concretizar de verdade para atingir um nível de satisfação compatível com o dos países do primeiro mundo.

Se formos fazer uma análise, o cenário educacional brasileiro da atualidade no que se refere às declarações que a legislação brasileira vigente faz a respeito dos direitos à educação é possível notar uma situação contraditória e preocupante no que se refere à qualidade do ensino neste país.

Para afirmar o anterior, tomamos como exemplo disso a realidade que parte dos alunos que freqüentam o ensino básico não estão aprendendo. A partir dessa afirmação podemos observar a precariedade da qualidade da nossa educação e que a importância com tal tema deveria surgir desde a educação infantil, onde os alunos iniciam sua interação com o ambiente escolar. (Ribeiro e Gusmão 2005)

Para tornar essa afirmação concreta tomamos como base a análise de um adolescente, estudante do ensino médio de uma escola da rede pública, quanto à qualidade na educação:

Deveria ser investido mais dinheiro público em construções de novas escolas, e na qualificação dos professores que ficarão de responsável das crianças, afinal elas são o nosso futuro e se não tiverem um ensino de qualidade o que será do nosso país?

Assim percebemos que a precariedade da educação pública atinge todos os níveis de ensino e que os próprios alunos já são capazes de perceber tal realidade e buscam, de alguma maneira, encontrar soluções para amenizar essa sofrida situação em que vivemos.

Segundo pesquisas realizadas, os alunos que precisariam ganhar uma boa base nesses primeiros anos de educação estão passando de ano e indo para

séries superiores sem um mínimo de conhecimento necessário, lendo muito mal, uma espécie de atraso.

Segundo Assis (2008) o quadro então apresentado mostra uma negação do direito à educação pública, que está distante de ser garantido na prática em termos de qualidade do ensino oferecido, e isso se reflete na questão do conhecimento da língua portuguesa diretamente. Tal afirmação é confirmada na fala de uma professora quando questionada sobre as diferenças no processo de ensino aprendizagem em escolas públicas e privadas:

Em relação à língua portuguesa, e eu estou falando por mim, na escola privada eu tenho que apresentar o rendimento do meu aluno e “provar” que realmente o meu trabalho está tendo resultados, seja através de trabalhos escritos ou exposição de trabalhos, já quando chego à escola pública, me sinto mais aliviada, porque ali eu sei que não há uma cobrança maior, eu sou responsável pelo meu trabalho e pela aprendizagem do meu aluno, ou seja, eu batendo o meu ponto e dando a minha aula já está bom. Claro que me sinto na obrigação com esses alunos, mas também sei que a realidade é outra e que eles realmente dependem de mim para aprovar ou reprovar, já que, a maioria, estão ali obrigados e não demonstram nenhum interesse em aprender, eles não possuem nenhuma expectativa de futuro.

Percebe-se, através da contestação da professora que há uma desmotivação em relação ao ensino público, seja, por parte de alguns alunos que não se mostram interessados no processo de aprendizagem, seja por parte da professora que, tal vez, não se sinta motivada devido à falta de cobrança da escola pública ou pela própria falta de interesse de alguns alunos.

Com isso nos surge a questão: ***Quem é o responsável por essa falta de qualidade e pela precariedade em que se encontra a educação em nosso país?*** Para tanto, nos são apresentadas, nas entrevistas, várias respostas como: *a gestão escolar, os professores que não possuem motivação para melhorar sua metodologia, os governos que não distribuem verbas necessárias, os próprios alunos que não fazem questão de aprender e seu único objetivo é um certificado de conclusão.*

5.1. Conceito de Qualidade da Educação

De acordo com Casassus (1999), a definição da qualidade em educação, apesar de ser de um conceito que causa confusão e conflitos, é uma tarefa necessária e fundamental para que se possa entender a mesma por meio de variáveis que sejam avaliadas e asseguradas por meio de programas e políticas públicas do estado.

Mas é necessário ter cuidado, por que o conceito de qualidade pode levar a uma falsa concordância por causa das diferentes interpretações e capacidades de valorização, e por isso é difícil definir, avaliar e mensurar a qualidade do ensino.

Não é possível uma definição de qualidade na educação como um conceito totalmente pronto e finalizado, mas é uma definição provisória, que é construída por um processo democrático na comunidade escolar, que ocorre sempre e continuamente, e possibilita a sua revisão contextualizada no tempo e no espaço. (Oliveira e Araujo 2005)

Qualquer alternativa de metodologia selecionada para operacionalizar o conceito tão complexo, no mundo em que se vive hoje essa discussão sobre qualidade da educação deve buscar e trazer a reflexão de outros conceitos como a quantidade da educação, as desigualdades e a diversidade, que são temas da moda inclusive.

Para Alves (2007), no que se refere à quantidade, é possível entender que não adianta boas escolas para poucas pessoas, pois quantidade e qualidade, neste caso, são partes integrantes de um mesmo conceito, e assim a primeira é referente à possibilidade de acesso ao ensino e a segunda à eficácia e à efetividade do ensino. A relação entre quantidade e qualidade na educação no Brasil já se tornou um conflito histórico.

Contrariando Alves, uma estudante do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede publica afirma que:

A educação hoje em dia ainda está em pleno desenvolvimento. É necessário aprimorar o modo como os professores dão aulas, e escolher melhor os alunos que freqüentam as escolas, ou seja, esses que não querem estudar, deveriam ficar em casa para não atrapalhar os outros. Na minha opinião a quantidade ainda não é sinônimo de qualidade, pois um exemplo é a minha sala de aula que somos 45 alunos mas os que realmente querem

aprender são mais ou menos 20 e o restante fica atrapalhando e os professores não conseguem fazer nada.

Assim nos surge uma questão: ***Qual é a verdadeira relação entre qualidade e quantidade nesse assunto?*** Ainda hoje não temos a constatação que não adianta boas escolas para poucas pessoas, ou que mais vale salas “vazias” e um bom ensino.

Podemos explicar que seguindo o pensamento de Alves a qualidade e a quantidade andam juntos uma vez que a qualidade da educação escolar permita a permanência dos alunos na sala de aula. Ainda é possível pensar que seguindo a afirmação da estudante, vale muito mais as escolas terem poucos, mas alunos interessados, em suas salas de aula com o objetivo de tornar efetiva a aprendizagem destes.

Desde a década de 1990, o debate sobre qualidade do ensino vem crescendo, e vem diminuindo o foco da questão de tornar universal a educação boa, o problema do acesso ainda existe de maneira mais ou menos acentuada, de acordo com as etapas de escolarização.

De acordo com Casassus (1999), o segundo conceito e que não se separa da qualidade da educação é a igualdade. Essa questão é pertencente à área jurídica e se refere ao princípio que diz que todos os cidadãos são iguais perante a lei e assim tem os mesmos direitos.

Se formos ver de forma prática, a igualdade no sistema nacional de educação no Brasil será uma realidade quando os alunos atendidos pelo sistema nacional de educação, independente de região, ou dependência administrativa ou particularidades regionais, receberem uma educação igual à de todos e de qualidade. É esperado que a igualdade, traga bons resultados decorrentes de uma elevação geral do padrão de qualidade da educação.

Para Abicalil (2002), quando se olha para a desigualdade das condições do ensino que é oferecido no Brasil, é necessário reduzir a qualidade, que deveria ser universal à qualidade mínima, e isso pode ser uma forma de criar diferenças de tratamento entre os cidadãos brasileiros, o que é proibido pela Constituição Federal de 1988.

É difícil pensar em igualdade e equidade quando vemos que um percentual mínimo de alunos do ensino público estudam em escolas que tenham laboratório de ciências disponível para pesquisas, bibliotecas bem estruturadas e nessas bibliotecas não tem profissional que ajude.

Poucas escolas possuem laboratório de informática, e grande parte destas não têm quadra para praticar esportes e aulas de educação física. (Alves 2007)

Quando se parte dessas reflexões, se percebe que uma política educacional baseada na garantia das quantidades necessárias e na igualdade das oportunidades terá como objetivo colocar à disposição de todos o acesso ao ensino de qualidade, que terá igualdade de resultados.

Ocorre que uma política voltada para a equidade vai buscar o oferecimento ao aluno de um ensino de acordo com suas necessidades, observando suas características sociais e culturais, o que seria adaptar ao regional para trazer mais benefícios.

De acordo com Abicalil (2002), é óbvio que o sentido positivo de uma política com a orientação descrita anteriormente é suavizar as diferenças sociais que chegam às escolas através de uma discriminação dita positiva, que objetiva trazer mais a quem tem menos.

Nos países desenvolvidos a qualidade da educação é estratificada em classes sociais, e está diretamente relacionada com o nível de renda e também é influenciada pela ideologia econômica adotada.

5.2. As dimensões da Qualidade da Educação

Falar em qualidade é muito complexo, não pode ser explicada por uma variável ou mesmo por um conjunto delas, porque ela é uma responsabilidade de toda a sociedade e principalmente dos envolvidos no ensino-aprendizagem, que vão influenciá-la de várias formas.

O conceito de qualidade no ensino deve ser debatido considerando as perspectivas dos diversos aspectos: aluno, profissionais da educação (professor, diretor etc.), família, mercado de trabalho, Estado, etc. São muitos os atores e agentes que influenciam e são mais ou menos influenciados pelo trabalho da escola e, conseqüentemente, pela educação de qualidade. (Alves 2007, Dias 2009)

Soares (2004), nos aponta que no ponto de vista da escola, a qualidade tem a ver com suas características estruturais, seus recursos físicos e financeiros, seus profissionais, alunos, suas relações internas e externas, ou seja, com a sociedade e a gestão pedagógica e administrativa de todos esses fatores.

Assim como toda organização, a gestão da escola está diretamente ligada ao seu sucesso. A gestão pedagógica se refere a relação professor-aluno e o processo educativo como os pontos principais, e a aula é vista como o coração da educação. Essa dimensão da qualidade considera os conteúdos curriculares, a didática e o planejamento do processo educativo, o relacionamento entre professor e aluno, os recursos didáticos e a forma como os conteúdos são repassados.

Segundo Soares (2004), uma categoria de análise em qualidade da educação significa que se deva investigar a prática educativa, desenvolver a formação contínua dos professores, integrar pais e alunos na dinâmica de ensino, e abrir a escola para as riquezas que a integração com a sociedade possa trazer.

A escola precisa ter modelos de gestão que compreendem que seu principal processo é ensinar e que o papel feito pelo professor neste contexto é bem central. O principal profissional da gestão escolar é o diretor.

Para Alves (2007), no Brasil, os desafios dos gestores das escolas em geral são, entre outros:

1. a dificuldade para montar sua equipe de professores com profissionais qualificados, com talento e motivados por causa dos baixos salários e da legislação vigente, que apesar do concurso público e a estabilidade do servidor ser um fator positivo em muitos casos, em outros são obstáculos a serem superados;
2. os fatores políticos que afetam e interferem na gestão escolar;
3. a escassez de recursos financeiros;
4. falta de infra-estrutura;
5. falta de segurança nas escolas etc.

Segundo Soares et al (2002), para os alunos, a qualidade pode ser percebida de forma efetiva quando a escola desempenha seu papel fundamental no desenvolvimento das competências sociais e pessoais e na transmissão de valores culturais e simbólicos.

A qualidade, nesse ponto de vista, é percebida na medida em que a escola colabora para o desempenho satisfatório do aluno, conduzindo-o ao aprendizado série a série, grau a grau, de acordo com a estratégia pedagógica que está constando no planejamento curricular.

De acordo com Alves (2007), a educação de qualidade, no ponto de vista do aluno, também é referente à capacidade do sistema de ensino para agir como mecanismo de superação das desvantagens socioeconômicas e formação para o exercício da cidadania através do fomento da consciência crítica.

Isso tudo é fundamental para que o aluno, torne-se, um sujeito social capaz, que tenha suas próprias opiniões formadas, independentemente de moda ou mídia.

A qualidade, para os professores e os restantes profissionais da educação, se refere às condições de trabalho como por exemplo o salário, carga horária, o numero de alunos para cada professor, condições acústicas das salas, altas temperaturas, problemas de violência e segurança nas escolas, e também questões como capacitação, formação para o trabalho, valorização e status de sua profissão na sociedade.

Assim é possível dizer que, a influência da escola no aprendizado do aluno é explicada em grande parte pela forma de agir do professor, sendo que o professor tem que procurar receber o apoio administrativo e gerencial para desempenhar seu papel (Casassus 2002, Soares 2004).

Outro aspecto muito importante no aprendizado e na qualidade do ensino é a influência da família na vida escolar, por ser um grupo que deveria estar em constante contato com a organização escolar.

6. O Novo ENEM e a Língua Portuguesa

O Enem nasce com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, e progressivamente é utilizado como critério de seleção para o ingresso na Universidade.

Analisando de forma crítica, o Enem propõe uma metodologia avaliativa que foge dos parâmetros da realidade nacional não privilegiando o real significado do processo de aprendizagem e interfere no cotidiano escolar ao definir temáticas que não levam em consideração as diferenças regionais e sociais e que privilegiam o desempenho do aluno num momento específico e isolado.

É possível observar essa afirmação na fala de uma professora de Língua portuguesa, que desempenha seu trabalho com alunos de ensino médio em uma escola da rede pública e privada na cidade de Bagé, quando é questionada acerca da sua opinião sobre a nova prova do Enem: “...me parece que a prova deveria priorizar questões regionais de cada estado, por exemplo, cada região ter sua próprio prova, não uma prova para todo o país.”

Assim podemos dizer que a reformulação da prova do Enem não está mostrando os resultados esperados, pois não abrange o verdadeiro conhecimento do aluno. Sendo assim tal avaliação, nos dias atuais, tem somente um objetivo, o ingresso em universidades. O argumento para a criação desta nova medida está pautado na má qualidade do Ensino Médio e na necessidade de reverter o quadro através da eficiência da avaliação em questão.

É necessário propor uma alternativa metodológica diante a esta avaliação, definindo o papel dos protagonistas envolvidos, possibilitando um real envolvimento destes com tal processo avaliativo.

É de extrema importância uma adequação do Enem as mais variadas realidades escolares existentes pelo Brasil afora, propostas que tornem reais alternativas como a inserção de medidas que viabilizem a formação continuada, atualização e especialização do profissional de Educação, agente de ponta deste processo, pois a ele cabe a preparação do aluno conculinte da Educação Básica, alvo do ENEM.

Essas questões podem ser comprovadas nas afirmações de alguns alunos quando questionados sobre a contribuição dos estudos escolares para a realização do Enem:

1. Agente até viu algumas coisas que caíram no ENEM, mas eu acho que agente podia ter saído melhor se esse conteúdo fosse mais debatido, mais trabalhado em aula porque o objetivo era só dar o conteúdo e deu.
2. O nosso estudo aqui é bem fraco, em geral não me ajudou em nada. Deveria ter sido dado aos alunos um simulado e trabalhado os conteúdos que aparecessem nesse simulado.
3. Nenhuma contribuição, muitos professores usaram o termo ENEM apenas para nós prestar atenção na aula, mas em vão, porque a prova do ENEM não havia nada que demos em sala de aula.

Tais respostas constataam que a formação e a especialização do professor de ensino médio necessita urgente de um olhar mais crítico para que estes possam exercer o seu verdadeiro papel junto aos alunos. Esta é uma questão que realmente deve ser debatida por todos os setores, da sociedade, envolvidos no processo de Educação, em busca de alternativas viáveis que tornem a rotina dos professores, já tão atribulada, em um caminho que se alcance o objetivo desejado.

Diante de sua realidade permeada de dificuldades, que se iniciam com a falta de tempo (por terem que trabalhar em vários lugares e horários diferenciados), a escassez de recursos e ausência de incentivo por parte das instituições em que atuam, este profissional se vê frente a um impasse, que é trabalhar de encontro à realização pessoal e concretização de seus objetivos educacionais, sendo o mais importante deles proporcionar uma conclusão eficiente dos seus alunos na educação básica e as demandas constantemente lançadas pelo governo e suas novas propostas.

O papel do educador também deve ser concebido a partir de uma perspectiva dialógica. O professor deve ser aquele que desafia os rótulos e a suposta possibilidade de homogeneização; desafiar categorias que distinguem os alunos mais capazes dos menos capazes, os ajustados dos desajustados, entendendo que estas classificações são resultantes das relações de poder estabelecidas fora do espaço de sala de aula com base na classe social, raça e gênero.

Logo, a discussão sobre as metodologias a serem utilizadas no ensino da Língua portuguesa exigirá do professor a adoção de um posicionamento diante delas: o professor pode assumir ser um mero transmissor do conteúdo ou um mediador da aprendizagem de seu aluno.

É preciso buscar uma teoria abrangente para se pensar em um "tipo" de ensino que evite a estabilização dos indivíduos em visões reducionistas de receptor de conhecimento.

É necessário que os professores tracem um plano de ensino conveniente as necessidades exigidas pela sociedade, segundo Assis *Não é viável, nos últimos anos do ensino médio, o professor passar conteúdos que não serão cobrados em um futuro imediato.* (Assis, 2008). Tal afirmação é confirmada na seguinte resposta de um aluno: “*os professores poderiam dar mais conteúdos que caíram na prova, e exercícios tipo simulado. Nenhum professor nos levou as provas antigas do ENEM. Acho que nem eles sabem fazer aquilo.*”

Destacamos então que os conteúdos transmitidos aos alunos nos anos finais do ensino médio são meramente parte de uma grade curricular estipulada ao início do ano que deverá ser seguida.

Hoje não há uma preocupação com o futuro do educando ou com aquilo que o aluno realmente usará em nossa língua prática e sim com a “memorização” da gramática da língua, ou seja, é necessário que o aluno saiba para realizar as provas bimestrais ou trimestrais para que não reprove.

Luft (1985) afirma que o ensino de língua portuguesa é fundamental para a formação do indivíduo, mas precisa ser revisto, pois ao ensinar regras gramaticais, uma grande parte dos professores ignora a língua falada pelo aluno e a implicação disto é que a língua objeto de estudo fica distante demais da prática efetiva, e por não haver aproximação, não há aprendizado.

O objetivo de ensino da língua portuguesa deve ser a possibilidade de levá-las ao domínio efetivo e consistente das habilidades de leitura e escrita, audição e oralidade. Ou seja, a escola deve formar alunos capacitados como leitores, e que possam produzir qualquer tipo de texto, inclusive usando da modalidade oral. Porém esse objetivo não será alcançado sem uma prática, mais uma vez vale registrar: ler e escrever devem ser atividades essenciais no ensino da língua.

Podemos então dizer que o ensino da língua portuguesa nas escolas deveria ultrapassar os conteúdos programáticos e assim proporcionar mais autonomia para que os próprios alunos fossem capazes de utilizar seu raciocínio, assim não seria necessário cursos preparatórios ou professores particulares para a realização de provas como a do Enem, que apesar de não abordar de forma adequada aspectos da língua portuguesa, apresenta aos alunos questões complexas que necessitam de um bom raciocínio.

Constatamos tal afirmação nas falas, respectivamente, de uma professora e de um aluno:

As questões de português deveriam ser mais objetivas, ou seja, não seria necessário tanta introdução ou tantos fragmentos de textos para questões de interpretação, seria muito mais eficaz se a prova trabalhasse somente com um texto e que este fosse bem analisado que todas as questões fossem voltadas para ele, é isso que passo para os meus alunos da rede privada, não preciso trabalhar com vários textos ou fragmentos, escolho um bom texto e desenvolvo todo o meu trabalho voltado para ele, o que acontece na prova do Enem é literalmente "o texto como pretexto".

Os assuntos tratados em aula não tinham nada a ver com os que caíram no ENEM e por isso eu acho que não vale a pena vir para a escola, seria muito melhor pra mim se eu tivesse pegado as provas anteriores do ENEM na internet e ter estudado por ali ou ter participado de aulas preparatórias principalmente português, teria saído muito bem.

Aqui percebemos a chateação, por parte dos alunos, nas aulas de língua portuguesa, nas escolas da rede pública, pois o que deveria levá-los a uma reflexão e aprendizagem acaba por gerar confusão e repúdio.

Na fala da professora percebemos a desmotivação quanto ao ensino público, pois ela relata exemplo de atividade adequada que aplica na rede privada. Assim afirmamos que se não houver mudanças na elaboração do ensino público, as aulas de língua portuguesa não servirão para nada.

A partir disso podemos arriscar que o que se torna maçante nas aulas de língua portuguesa é que os conteúdos gramaticais são passados para os alunos por meio de teorias sem ser especificado para quais fins aquilo lhe será útil.

O estudante de ensino médio já está exausto de ver tanta gramática ao longo do ensino fundamental, é necessário que os professores discutam mais sobre a importância da língua portuguesa e para que ela será útil fora da escola. É

papel do professor analisar todo o conteúdo que tem em mãos e verificar sua utilidade antes de passá-lo aos alunos.

Como confirmação do parágrafo anterior apresentamos a fala de um aluno quando questionado sobre a sua opinião da qualidade da educação: *Seria necessário mudar o pensamento de alguns professores que se preocupam mais em finalizar a matéria do que o aprendizado do aluno.*

Talvez por isso muitos dos estudantes que realizam as novas provas do Enem, não tem êxito em sua realização, pois de um certo ponto eles não possuem motivação para apostarem em seus estudos. Muitos desses alunos nem se quer tentam realizar avaliação como esta isso nos é afirmado no seguinte trecho da fala de um aluno:

Eu não fiz o Enem porque sabia que tudo isso que passam pra gente no colégio não me ajudaria, além de que essa nova prova do Enem que o governo inventou não tem nada a ver, tudo bem que nos ajuda a ter curso superior, mas para nós que estudamos em escolas publicas de zonas mais afastadas do centro não temos condições de passar, o estudo é muito fraco e a prova é muito complexa, eles falam que essa prova abrange atualidade, mas na parte de português mesmo, pelo que eu vi nas provas dos meus colegas, é só pedaço de texto que agente não entende nada.

Como podemos perceber o texto deveria ocupar lugar de destaque no cotidiano escolar, pois, através do trabalho orientado para a leitura o aluno deveria ser capaz de apresentar informações novas, comparar pontos de vista e argumentar. De acordo com os PCNs todo professor, independente se sua are de atuação, deve ter o texto como instrumento de trabalho.

A partir da resposta apresentada pelo aluno, nos questionamos qual é o real significado dessa nova prova do Enem, pois assim como este aluno, muitos não a realizaram por pensarem que tal avaliação é muito complexa, sem sentido e que o ensino recebido na escola não lhes ajudaria.

Pois bem, será que é suficiente para a sociedade, hoje, ter uma prova que lhes oferece, para aqueles que tiram as melhores notas, uma vaga no ensino superior mas não garante a sua permanência? Será que realmente é importante uma avaliação que seja capaz de eliminar o ensino médio?

Essas são questões importantes a serem refletidas, certamente não há respostas concretas, pois cada sujeito tem o seu pensamento e a sua certeza.

Entretanto podemos afirmar que de nada servem as escolas se os alunos, hoje em dia, possuem a possibilidade de realizar uma prova e concluírem o ensino médio, talvez por isso a qualidade da educação pública ainda está precária e sem perspectivas de melhoras.

7. Conclusão

A partir da realização deste estudo foi possível perceber que os estudantes, de nível médio, da rede pública de Bagé não participam de um verdadeiro processo de ensino/aprendizagem, com isso não possuem uma preparação para realização de provas como a do Novo Enem. Cabe aqui dizer que, a prova do Enem é, nos dias de hoje, tomada como parâmetro de qualidade de educação, pois com ela o aluno que conseguir melhor nota é capaz de ingressar em uma universidade.

Podemos perceber, através da explanação teórica e dos relatos citados nesse estudo, que esse fator se dá pela falta de qualidade da educação, que a cada dia parece piorar devido a diversos fatores, entre eles a falta de comprometimento dos professores.

Notamos que, talvez, pelo fato de o novo Enem não contemplar o real conhecimento do aluno ao ponto de ser uma avaliação capaz de eliminar os anos finais do ensino médio, os professores não desempenham o seu verdadeiro papel, de agente ativo, juntamente com o aluno, no processo de ensino/aprendizagem.

A partir dos relatos dos alunos, citados no corpo do trabalho, percebemos que falta motivação para alunos e professores conseguirem êxito nesse processo de ensino. Não encontramos, com esse estudo, um único fator responsável por essa desmotivação apresentada pelos sujeitos, pois cada autor nos apresenta uma série deles, além de cada aluno entrevistado dar sua própria opinião acerca do assunto nos mostrando assim vários outros fatores distintos.

Mesmo que tenhamos deixado vários questionamentos sem contestações, é possível dizer que o novo Enem, apesar de facilitar o acesso ao nível superior, não prioriza o real conhecimento dos estudantes, pois, além de outros aspectos, destacamos os textos fragmentados apresentados aos alunos para a realização de questões de interpretação textual, assim concluímos que tal avaliação não deveria ter como objetivo a conclusão do nível médio.

Para finalizar podemos destacar que, é necessário rever os métodos utilizados, nas salas de aula da rede pública de ensino no município de Bagé, para o ensino da língua portuguesa no ensino médio, além de proporcionar aos alunos uma reflexão sobre o seu próprio papel no processo em que faz parte. Não cabe,

na sociedade em que vivemos hoje, com um abrangente mercado de trabalho em diversas áreas, temos adolescente, estudantes do ensino médio, desmotivados com o futuro e conformados com uma “avaliação” capaz de eliminar o ensino médio.

8. Referências

- ABICALIL, C. A. **Sistema Nacional de Educação Básica: nó da avaliação?** Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 80, p. 253-274, set. 2002.
- ALVES, T. **Avaliação na administração pública: uma proposta de análise para as escolas públicas de educação básica.** (Dissertação de Mestrado) Ribeirão Preto: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2007.
- ASSIS, William Alves **O ensino da língua portuguesa ao longo do ensino médio: Preparando o aluno para o ensino superior.** Recanto das letras, SP, dez 2008.
- CASASSUS, J. A. **Escola e a Desigualdade.** Brasília: INEP/Editora Plano, 1999.
- CURY, C. R. J. **A educação básica no Brasil. Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 23, n. 80, p. 168-200, setembro. 2002.
- DIAS, G. H. M. **Ensino de Português: a caixa-preta da gramática pedagógica.** (Dissertação de Mestrado) São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.
- LUFT, P. C. **Língua & Liberdade:** por uma nova concepção da língua materna. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003 [1985].
- OLIVEIRA, R. P.; ARAÚJO, G. C. **Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 28, p. 5-23, jan/abr. 2005.
- RIBEIRO, V. M.; GUSMÃO, J. B. **Indicadores de qualidade para a mobilização da escola.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 227-251, jan./abr., 2005.
- SOARES, J. F. **O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos.** REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio en Educación, Madrid, v. 2, n. 2, p. 83-104, jul.-dic. 2004.